



IAG e propaganda: as campanhas de desinformação da extrema direita do Brasil no Telegram¹

Angelo Francisco Fruet²

Resumo expandido

O presente estudo objetiva analisar como a extrema direita do Brasil mobiliza peças produzidas com inteligência artificial generativa (IAG) em suas estratégias comunicacionais, especialmente nas campanhas de desinformação. O empírico é um grupo no Telegram ligado à extrema direita brasileira e a metodologia é a netnografia com aportes dos estudos sobre as mídias de Dalmolin (2024) e Silveira (2024), centrando-se na circulação da desinformação.

O estudo se justifica porque é perceptível que as tecnologias de IAG estão sendo acionadas em campanhas desinformativas de variados espectros políticos, notadamente o da extrema direita. Entende-se que a IAG atua como agente não humano, em cooperação com agentes humanos, no processo de desinformação da extrema direita do Brasil no Telegram, sustentando de forma convincente narrativas falsas em uma escala sem precedentes.

Por meio dessa agência mútua, a IAG contribui para a criação de uma realidade segunda (Sodré, 2021), distinta da verificável (que poderia ser chamada de primeira), porque interfere diretamente na estrutura cognitiva dos sujeitos, moldando suas percepções sobre o que é verdadeiro ou falso. Sustenta-se que entre os efeitos sociais mais significativos desse fenômeno, destaca-se a formação de novos regimes de verdade (Foucault, 2006), baseados na linguagem

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático Instrumentalização política da desinformação e crise dos pontos de vista centrais do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Acadêmico do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM. E-mail: angelo.fruet@acad.ufsm.br.

manipulada, com a ascensão de líderes “discursivos”, que operam essencialmente por meio da linguagem performativa, provocadora, que não guarda (ou guarda mínima) conexão com o mundo real. Ademais, nota-se no mundo real, ou realidade primeira, um aumento incomum em políticas centradas na violência. Para exemplificar, cita-se o genocídio em Gaza (ONU News, 2025) e o massacre de civis pelo exército russo em Bucha, na Ucrânia (Bowen, 2022). Defensores do governo israelense postam nos grupos do Telegram imagens de IAG para afirmar que a fome em Gaza é desinformação e a mídia russa afirma que o massacre de Bucha foi uma operação de bandeira falsa (false flag), encenada por atores.

Comenta-se que as tecnologias de inteligência artificial (IA) são definidas como sistemas algorítmicos com capacidade para imitar as funções cognitivas da mente humana, participar de processos de tomada de decisão e produzir soluções baseadas em dados (Garajamirli, 2025). Pode-se dizer que a “IA se refere a tecnologias e metodologias que automatizam as habilidades cognitivas humanas” (Manovich; Arielli, 2023, p.20-21).

Já a inteligência artificial generativa (IAG) diz respeito à algoritmos capazes de gerar conteúdos originais e coerentes, como áudios, imagens, textos e vídeos a partir de dados de treinamento (Goodfellow et al., 2014). Indiscutivelmente, a centralidade da IAG está na agência, no potencial de gerar coisas novas sem a participação humana, ainda que a partir do aprendizado advindo da interação com humanos.

Como já foi dito, a extrema direita aciona a IAG para comunicar-se. Relata-se que a extrema direita se caracteriza pela devoção à violência repressiva da polícia e à violência de uma forma geral, a intolerância às minorias sexuais, o apelo aos militares, principalmente em momentos de crise, e a demagógica manipulação da agenda anticorrupção (Löwy, 2015). Seu discurso geralmente objetiva a criação de inimigos internos, o qual é sistematicamente atacado (Betz; Mudde, 2002). Vale ressaltar que a extrema direita é um movimento global que está entranhado em muitos países (Mudde, 2019), incluindo democracias consolidadas, como nos Estados Unidos e o movimento local MAGA, de Donald Trump.



Os discursos extremistas, justo por serem extremistas, costumavam ser bloqueados nos meios de comunicação de acesso aberto (rádio, televisão, jornais), o que obrigou seus difusores a buscarem novas formas de comunicação. As plataformas de mídias sociais se mostraram uma solução adequada, principalmente plataformas mais restritas, como o Telegram. Percebe-se que os discursos extremistas circulam de uma mídia social a outra. Por exemplo, a chamada inicial, ou largada da peça desinformativa, se dá no Telegram, é compartilhada no Tik Tok, depois vai para grupos no WhatsApp e seguem a transmissão, formando midiosferas, nas quais os conteúdos convergentes circulam, e os divergentes são bloqueados.

Uma midiosfera, segundo Debray (2000), é um ecossistema técnico-cultural que possibilita a transmissão, perpetuação e circulação das mensagens. No Brasil, sobressai-se a midiosfera da extrema direita (Dalmolin, 2024) ou midiosfera disruptiva (Silveira, 2024). É disruptiva por que o discurso rompe com o aceitável e com real verificável, promovendo uma narrativa própria que confronta com a da mídia tradicional, ou a alternativa, esta que costumava fazer contraponto aos grandes meios do país. Afirma Silveira (2024) que a midiosfera disruptiva customiza uma grande quantidade de manifestações e conteúdos inaceitáveis em outras ambiências, racismo, misoginia, neonazismo etc, e que ali são a norma.

Não só atores humanos são centrais nas midiosferas: as estruturas das plataformas também são importantes para a disseminação de conteúdos (Cesarino, 2022). Os grupos fechados, as próprias plataformas de mídias sociais como o Facebook, são desenhadas com o intuito de viciar o usuário (note, caro leitor/a, usuário, como quem usa crack ou cocaína), e influenciar seu comportamento para que ele clique, compre, enfim, dê sua atenção integral à mídia social.

Sabe-se que os discursos da midiosfera da extrema direita geralmente contêm desinformação, tipo de informação produzido e disseminado deliberadamente para enganar (Wardle; Derakhshan, 2017), o qual a fonte que difunde sabe que é falso e mesmo assim produz e dissemina com a intenção de obter benefícios (Fallis, 2016). Sabidamente, uma das plataformas de mídia social mais utilizada para disseminar conteúdos que visam desinformar é o Telegram.



O Telegram se caracteriza pela privacidade e pela criptografia de ponta a ponta. Além disso, oferece grupos com até 200.000 membros e bots, contas automatizadas projetadas para interagir com usuários e grupos, aptos até para gerenciar atividades por meio de comandos e respostas programadas (Franco; Gaggi; Palazzi, 2024).

Dito isso, informa-se que o grupo no Telegram objeto de estudo é o Confederação Direita Brasil³, que até o dia 11 de outubro de 2025 contava com 6,215 membros. O recorte temporal é o ano de 2025 e a metodologia, como já relatado, é a netnografia e os estudos das midiosferas, esta última já explicada. Esclarece-se que a netnografia é um método que leva para a internet aspectos da etnografia, abordagem antropológica que supõe um engajamento pessoal com o sujeito pesquisado, com uma descrição densa (Kozinets, 2014).

Os resultados preliminares indicam que é possível ver variados conteúdos, que a princípio parecem desconexos, mas que de algum modo estão conectados à direita: Trump, islã, Guerra Rússia-Ucrânia, bolsonarismo, antipetismo. Essa aparente desordem informacional cria uma narrativa convincente por que toca a subjetividade do sujeito receptor em seus diferentes aspectos, sua fé, suas crenças, o que ele entende ser o mundo. Os conteúdos gerados por IAG vão nessa direção desfragmentada, são peças que elogiam Trump, criticam Lula, falam de religião etc.

O grupo analisado exemplifica a midiosfera da extrema direita. Só circula material extremista e nada que diverge, tem um bloqueio invisível. A impressão é que todos pensam do mesmo modo, formando uma bolha que só é possível graças à estrutura do Telegram e ao modo como as pessoas se comportam na plataforma. Confirma-se, desse modo, que no processo de desinformação, a questão sociotécnica é muito importante, não só os discursos com conteúdos falsos.

Ainda, detecta-se um recorte de assuntos pautados pela mídia tradicional, os quais são adaptados à ideologia da extrema direita. Assim, vê-se matérias jornalísticas, ou que tem uma base no jornalismo, sendo usadas como propaganda, visando que o sujeito receptor forme uma

³ Disponível em: <https://t.me/confederacaodireitabrasil> . Acesso em 11 Out. de 2025.



determinada opinião acerca do que foi publicizado. Em suma, não objetiva informar, e sim persuadir.

Verifica-se que IAG é uma ferramenta acionada para ilustrar posts, como costumava ser feito com as imagens. Ela não é central, portanto, tem agenciamento quase nulo sobre o sentido final. Não obstante, quando se analisa o feed do grupo como um todo, como se fosse um texto, a IAG sim tem significado, pois torna o texto esteticamente mais atraente. Ademais, é capaz, ou intenta, mostrar um mundo encantado cheio de possibilidades, o mito da tecnologia, da IA, de poder fazer coisas fantásticas sem esforço e em pouco tempo, o mesmo que promete a extrema direita, ou seja, mudar as coisas sem mudar as estruturas sociais.

Justo por isso, mescla-se religião no grupo analisado, a fé é importante, e serve para manter as pessoas mobilizadas, sobretudo em momento que a extrema direita sofre reveses na Justiça. Por outra parte, a crença e os sentimentos parecem ser mais relevantes para os extremistas do que os fatos comprovados, assim, discursos que vão nessa direção são amplamente explorados, diferentemente da IAG, ainda pouco acionada pela extrema direita, e quando isso é feito, é de forma um tanto rudimentar. Entre as explicações possíveis, argumenta-se, à guisa de conclusão, que os conteúdos são compartilhados por pessoas com pouco conhecimento sobre a tecnologia, que usam as mesmas estratégias de 2018, com forte apelo às emoções e à polarização, e que ainda têm grande capacidade de mobilizar a militância.

Palavras-chave: Desinformação; IA generativa; Propaganda; Extrema direita.

Referências

BETZ, Hans-Georg; MUDDE, Cass. 2. Conceptualizing the Far Right. **Politics**, v. 8, n. 1, p. 31-49, 2002.



BOWEN, Jeremy. Corpos de civis são encontrados em cidade próxima a Kiev – Ucrânia acusa Rússia de massacre. **BBC Brasil**, 03 abril 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60974457> . Acesso em 12 out. 2025.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. Ubu Editora, 2022.

COMISSÃO de Inquérito diz que ações de Israel “configuram genocídio” em Gaza. **ONU News**, 16 de set. 2025. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2025/09/1850996> . Acesso em 13 de out. 2025.

DALMOLIN, Aline Roes. Anatomia da polarização e barbárie comunicacional. In: FERREIRA, Jairo; SILVEIRA, Ada Cristina Machado; ROSA, Ana Paula; DALMOLIN, Aline; LÖFGREN, Isabel; BORELLI, Viviane. (Orgs.) **IA, algoritmos e plataformas: questões e hipóteses na perspectiva da midiaticização**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2024a. No prelo.

DEBRAY, Régis. **Transmitir**: o segredo e a força das ideias. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

FALLIS, Don. Mis-and dis-information. In: **The Routledge handbook of philosophy of information**. Routledge, 2016. p. 332-346.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006..

FRANCO, Mirko; GAGGI, Ombretta; PALAZZI, Claudio E. Characterizing Non Consensual Intimate Image Abuse on Telegram Groups and Channels. In: **Proceedings of the 4th International Workshop on Open Challenges in Online Social Networks**. 2024. p. 26-32.



GARAJAMIRLI, N. A review of ai-powered disinformation strategies: the cases of Russia, China, Iran, and North Korea. **Sciences of Europe**, n. 169, p. 50-57, 2025.

GOODFELLOW, Ian et al. Generative adversarial nets. **Advances in neural information processing systems**, v. 27, 2014.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Penso Editora, 2014.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, p. 652-664, 2015.

MANOVICH, Lev; ARIELLI, Emanuele. Imagens IA e mídias generativas: notas sobre a revolução em curso. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 2, p. 16-39, 2023.

MUDDE, Cas. **The far right today**. John Wiley & Sons, 2019.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. MIDIOSFERA DISRUPTIVA: desafios epistêmicos comunicacionais da noticiabilidade midiaticizada. In: **ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2024, Niterói. Anais eletrônicos, Galoá, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/midiosfera-disruptiva-desafios-epistemico-comunicacionais-da-noticiabilidade-mid?lang=pt-br> . Acesso em: 13 Out. de 2025.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças**. Editora Vozes, 2021.



XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero. De 11 a 13 de novembro de 2025.



WARDLE, Claire; DERA KHSHAN, Hossein. **Information disorder:** Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.